SARA CATE

Olha para mim

Tradução de
Catarina Dias

EUFORIA

Aviso de conteúdo

Caro leitor,

A tua segurança e bem-estar são muito importantes para mim. Antes de embarcares nesta história, tem em atenção que esta aborda temas e relata experiências na primeira pessoa que podem ser um gatilho. Este livro trata tópicos como **depressão**, **ansiedade** e **tentativa de suicídio**.

Prometo, contudo, um final feliz, envolvendo uma *camgirl* súper à vontade com o próprio corpo e um *voyeur* bastante indecoroso que conta piadas secas e tem uma mente porca.

Prólogo

Há sete anos
Garrett

– Tinha a mão a agarrar-lhe um punhado de cabelo e estávamos a curtir quando a olhei nos olhos e disse «Chupa-me a pila como uma linda menina bonita.» Quando dei por ela, já a miúda puxara o braço atrás e me dera um murro em cheio na cara – conta o Emerson, com um gemido.

– Foda-se! – praguejo com uma careta.

– Caraças! – brada o Hunter, rindo.

A pobre da Maggie está a olhar para o Emerson com os olhos arregalados e uma expressão horrorizada no rosto.

– Acho que ela não gostou.

Não consigo deixar de rir ao ver o meu melhor amigo estremecer, ao encostar o copo da cerveja contra a bochecha para aliviar o inchaço causado pelo enorme hematoma roxo que ostenta. Eu pagava para ter visto a cena ao vivo. Estou mesmo a imaginar. Ele, um homem grande e robusto, certo de que tinha uma mulher dócil entre mãos, a levar um soco na cara dessa mesma mulher.

É uma pena que eles não tenham podido divertir-se um pouco, que não soubessem desde o início que *não* concordavam no que toca a sexo.

– Não percebo… eu achava que nos estávamos a dar bem – resmunga. – Ela parecia bastante maluca e achei mesmo que estava a gostar. Parece que me enganei. Pelos vistos, não é fã de um pouco de humilhação sexual.

Conheço bem a sensação. Dizer que, da última vez que levei uma rapariga para casa e tentei algo fora do comum as coisas não correram lá muito bem, seria um eufemismo. Tentei gravar-nos a ter sexo… a resposta:

não. Pedi a outra rapariga para se masturbar e me deixar assistir… não. Tentei masturbar uma mulher em público, no bar, num lugar onde ninguém conseguia ver bem o que estávamos a fazer… não.

Todos estes *nãos* fazem-me sentir como um tarado. Como se houvesse algo de errado comigo por querer experimentar coisas fora do «normal». Tenho a certeza de que o Emerson sente o mesmo por causa do seu pequeno fetiche por degradação.

Quantos de nós já nos sentimos à vontade o suficiente, na hora H, para pedir o que queremos de verdade, só para depois levar uma nega e ser tratados como aberrações? Então, sim… eu entendo-o.

Se calhar é por isso que há tanto tempo não vou para a cama com ninguém.

– Caraças, pá. – As palavras escapam-me dos lábios e todos os meus amigos me encaram. – É uma treta não haver forma de juntar as pessoas com base nas maluqueiras que gostam de fazer na cama.

Todos desatam a rir à gargalhada. Como é óbvio, acham que estou a brincar e, na maioria das vezes, até estou. Mas desta vez não.

– Estou a falar a sério – digo, interrompendo as risadas. – Não seria ótimo se pudéssemos encontrar alguém que gosta das mesmas coisas pervertidas do que nós? Sem precisarmos de esconder nem de ter vergonha das taras que nos deixam com as cuecas molhadas.

– Tu és completamente passado, Garrett – responde o Hunter.

Bato com a minha cerveja na mesa.

– Não sou nada. Quem é que aqui não tem fantasias sexuais malucas que sempre quis realizar, mas tem medo de passar à ação? Quer dizer, é óbvio que o Emerson não tem medo de passar à ação.

Eles riem-se de novo.

– Vá lá. Estou a falar a sério! – exclamo.

Eles podem troçar o quanto quiserem, mas eu já ouvi as suas histórias obscenas. Sei que os meus amigos têm alguns fetiches bizarros que não admitem.

– De todas as merdas que já fizeram, qual é que queriam mesmo realizar? Sei que têm pelo menos uma. Digam lá.

– Tu primeiro – responde a Maggie com um sorriso malicioso.

PARTE 1

A CASA DO LAGO

Regra n.º 1: Não leias mensagens da tua mãe num clube de sexo.

Garrett

Só há três coisas que levo a sério: correr, um bom fato sob medida e sexo.

Tenho *mesmo* de levar a sério a última; faço disso vida. O meu trabalho não é *fazer* sexo, claro está. O meu trabalho é saber tudo sobre o ato, de modo a proporcionar uma experiência agradável e excitante tanto para aqueles que o praticam, quanto para aqueles que preferem observar os outros a praticá-lo. Tenho de conhecer os ínfimos detalhes que excitam as pessoas, que as fazem sentir-se seguras e que as fazem voltar para mais. A linha ténue entre o excitante e o esquisito. Atender às necessidades tanto dos homens quanto das *mulheres*.

Ser um especialista dos meandros, se assim quiserem.

E, neste momento, estou de olho num casal formidável no quarto sete, que está a fazer tudo na perfeição. A mulher está algemada à cama, a sua pele dourada reflete a ténue luz vermelha, enquanto o homem atrás dela se introduz nela a um ritmo perfeito, deixando-a fora de si. O ângulo é sublime, mas faço uma nota mental para puxar a cama uns dez graus para a direita, para que os espectadores possam ver melhor o rosto dela. Acredites ou não, é isso que as pessoas realmente querem ver… o rosto. O esgar de necessidade e desejo, no seu rosto transformado pela luxúria e marcado por um toque de angústia.

Fiz bem em convidar estes dois outra vez. Vi-os juntos há algumas semanas e foi ideia minha incentivar os casais que atraem observadores a alugar de novo as salas de *voyeurismo*. Um pequeno desconto na assinatura, algumas vantagens VIP adicionais e, em troca, convido-os a passar algum tempo juntos na sala das luzes vermelhas, onde, durante uma hora,

ela se pode sentir como uma prostituta de luxo, vendendo o próprio prazer, enquanto ele pode ser o licitador que a arrematou.

Eles encenaram um espetáculo escaldante. Ele entrou sem pressa, com um fato de aspeto caro, atirou-lhe um sorriso diabólico, enquanto ela tentava parecer indiferente. Foi impressionante e a multidão adorou. Completamente.

Bem, multidão é um exagero. Não são mais do que uma meia dúzia de pessoas. A cortina está fechada em redor da área de observação, criando uma intimidade entre o pequeno grupo ali reunido. Não podemos propriamente deixar entrar um monte de pessoas na sala de *voyeurismo*; isso meio que estraga a experiência. Se estás a tentar ter a sensação de te intrometeres num momento íntimo, na companhia de uma centena de outras pessoas, que estão a fazer o mesmo que tu, quase que deixa de ser uma intromissão num momento privado. E, afinal de contas, este é um espaço com requinte. Não podemos ter uma horda de homens todos excitados a masturbar-se em grupo como se fosse um antro imundo nos fundos de uma loja de pornografia barata.

E é aí que eu entro. Sei exatamente o que regular e como deixar que tudo aconteça, sem que nada saia do controlo. E tem de parecer natural, embora eu esteja a controlar tudo nos bastidores, em segredo.

Até agora, tudo bem, esta noite. Está uma mulher sozinha, junto da janela, a morder o lábio enquanto testemunha a mulher na cama a atingir o clímax *outra vez*. E há um casal a assistir. Estão tão colados um ao outro que não consigo perceber se a mão dela está dentro das calças dele, se a mão dele está por baixo do vestido curto dela, se ambas. O que significa que a iluminação está no ponto certo; embora talvez devesse baixar a luz vermelha só um bocadinho… o seu reflexo é ampliado por todo o metal do quarto, o que acaba por ser uma distração.

Contas feitas, o ambiente no quarto é perfeito.

O meu telemóvel vibra no bolso, mas não o tiro logo; é contra as regras ter telemóveis aqui ou em qualquer área privada do clube, mesmo que eu seja um dos proprietários.

De qualquer das formas, o casal do quarto da luz vermelha já está a acabar, por isso, saio da sala de *voyeurismo* sem fazer barulho, passo pela porta de serviço privada e sigo em direção ao escritório. Assim que estou

em segurança, no corredor bem iluminado reservado ao *staff*, tiro finalmente o telemóvel do bolso.

Na notificação, lê-se: *Nova mensagem de Mãe.*

Ah, que maravilha. Uma mensagem da minha mãe depois de ter estado a ver pessoas a foder que nem selvagens. Aposto o meu testículo esquerdo em como é mais um convite para me juntar a ela e ao meu padrasto na casa do lago esta semana.

Devias vir até cá. Vai estar um tempo maravilhoso esta semana.

Ah! Tinha razão.

Todos os anos, ela e o meu padrasto passam uma temporada na casa do lago, a três horas daqui, e todos os anos me convidam para ir com eles. Até estaria mais inclinado a aceitar se a filha mimada de vinte e três anos dele não fosse também. Mas, assim sendo, todos os anos desaponto a minha mãe com um *obrigado, mas não obrigado* e este ano não é diferente.

A Mia é como uma pedra no meu sapato. Ela é a menina dos olhos não só do pai, mas também da minha mãe; passou os últimos quinze anos a sorver todo e qualquer resquício de atenção dos nossos pais e a ser uma verdadeira dor de cabeça para mim. E, embora já não tenha idade para reclamar de rivalidades entre irmãos, vivo muito melhor ignorando a sua existência.

– Estás a falar com quem? – pergunta o Hunter por cima do meu ombro, enquanto eu permaneço junto à porta, a olhar para o telemóvel.

– Com a minha mãe.

Ele faz uma careta ao passar por mim.

– Que nojo, meu. Ainda dá para ouvir pessoas a foder daqui.

– O quê? É estranho? – respondo com uma risada.

– Vindo de ti, não. Diz-lhe que mandei um beijinho – solta, desaparecendo no longo corredor, virando em direção ao escritório.

– Não sei se estás a ser simpático ou porco – grito e a minha voz ecoa pelo corredor, enquanto ouço o Hunter rir ao longe.

A galhofa constante entre mim e as três pessoas com quem dirijo esta empresa é parte da razão pela qual adoro tanto este trabalho. Damo-nos muito bem. Divirto-me imenso, embora às vezes seja um pouco stressante, mas nunca muito pesado ou sério demais.

Regra n.º 2: Se por acaso te apaixonares pelo teu meio-irmão, nunca o demonstres. Nunca.

Mia

– E o que fazias se estivesses aqui comigo agora?

O homem de cabelos grisalhos, no meu ecrã, solta uma gargalhada profunda e rouca.

– Oh, querida, eu levava-te às nuvens.

– Ah, sim? – pergunto. – Como? Conta-me tudo com detalhes.

– E vais tocar-te para mim enquanto eu te conto? – indaga e um pequeno tremor na voz delata o seu nervosismo.

– Se quiseres – respondo.

Estou deitada no sofá azul de veludo roçado, aquele que fica na cave da casa do lago dos meus pais. Não é lá muito confortável, mas daqui consigo obter um ótimo ângulo para a câmara. Além disso, a cor cria um contraste magnífico com a minha pele clara. O meu longo cabelo, loiro-prateado, abre-se em leque sobre o sofá e tenho vestido apenas um conjunto de renda preta, o preferido deste cliente em particular. Ele já me quis comprar tantos conjuntos que dava para encher um armário, mas eu recuso sempre. Não gosto de aceitar presentes de clientes, porque sinto que lhes fico a dever algo em troca.

O ChiefG1963, cujo verdadeiro nome é Gregg, limpa a garganta. Está nervoso. Ele fica sempre acanhado nesta parte, mas tenho a certeza de que gosta disto. O Gregg tem um talento especial para conversas picantes e prefere debitar ao pormenor tudo o que faria comigo, em vez de ser eu a dizer-lhe o que gosto. Sei disso porque sempre que o tentei fazer, fui interrompida.

– Bem, eu começava por lamber esses teus mamilos rosados perfeitinhos, bebé.

– Estes? – pergunto, deslizando as alças do sutiã para baixo, oferecendo-lhe uma boa visão dos meus seios cheios.

– Ah, sim – rosna. – Depois, eu… – Alguém bate à porta do seu escritório e ouço, de fundo, uma voz masculina.

O Gregg ergue o olhar para ver quem é. Eu espero, voltando a tapar os seios com o sutiã, para que, quem quer que tenha entrado no seu escritório, não usufrua de um espetáculo pelo qual não pagou.

O Gregg volta a olhar para mim com um olhar de quem pede desculpa.

– Bebé, temos de ficar por aqui, hoje.

Faço beicinho para o ecrã.

– Mas agora vinha a melhor parte.

– Eu sei, mas chegaram alguns investidores, e o dinheiro não espera, querida.

Tentando parecer o mais contrariada possível, sento-me e fico a encarar a câmara do meu portátil.

– Sempre nos vemos amanhã?

– Não faltaria por nada deste mundo – replica. – Esse lindo sorriso é o ponto alto do meu dia.

Como recompensa pelo comentário, brindo-o com um sorriso radiante, com direito a covinhas profundas e uma mordidela no lábio, porque, infelizmente, sei que está a ser sincero. O Gregg é um dos meus clientes habituais e pode ter muito dinheiro, mas, tendo em conta que passa a maior parte do tempo da chamada a falar sobre o seu dia e sobre o trabalho, dá para perceber que devo ser a única pessoa que, de facto, ouve o que tem para dizer.

Passamos sempre a primeira meia hora da sessão na conversa. Ele divaga sobre todos os lugares onde *desejava* poder levar-me ou aquilo que gostava de fazer comigo. E dou-lhe toda a atenção do mundo. Depois, se o seu trabalho não o impedir, passamos para a parte sexual.

E é assim com a maior parte dos meus clientes: partes iguais de conversas genuínas e diversão erótica. Estes homens, estão, na sua maioria, sedentos por atenção, desesperados por algum tipo de conexão e ansiosos por viver uma experiência marota.

Por isso, fui afinando as minhas competências. Mais do que ser provocadora em frente à câmara, tenho de soar interessada e preocupada com o cliente.

OK, isto foi um bocado insensível. Eu meio que me *importo* de verdade com eles. Ou melhor, sou paga para me importar.

Depois de encerrar a chamada com o Gregg, pondero ligar a câmara de novo para tentar receber outro pedido VIP no *chat* da transmissão ao vivo, mas acabo por passar a hora seguinte no telemóvel, a navegar pelo Tumblr.

O meu pai e a minha madrasta saíram de barco com uns amigos, pelo que estou sozinha em casa e mais à vontade para trabalhar.

No verão, passamos sempre uma temporada no lago e, embora eu tenha vinte e três anos, idade suficiente para ter a minha própria casa, gosto de aqui vir todos os anos. Sei que era suposto passar o verão a curtir em Cancun ou Las Vegas com outras pessoas da minha idade, mas essa não é a minha cena. Sou mais do tipo de ficar sossegada no meu canto.

Os meus pais vivem como se já tivessem o ninho vazio, apesar de eu ainda não ter saído do ninho. Trocando por miúdos, estão sempre a sair, não se preocupam o tempo todo comigo e concedem-me toda a privacidade e acesso ao *wi-fi* de que preciso.

Isto de ser *camgirl* é relativamente recente na minha vida. A oportunidade surgiu, por acaso, no outono passado, quando uma amiga minha da escola de estética – da qual eu tinha acabado de desistir – me contou sobre como estava a ganhar dinheiro sem sair de casa. Sou boa a lidar com pessoas e provocar sempre foi o meu forte, por isso, achei que seria perfeito para mim.

No início, era estranho flirtar com homens que não conhecia de lado nenhum, sobretudo porque eu era muito insegura em relação ao meu corpo. Sempre achei que esse tipo de coisa fosse para raparigas súper em forma, todas tonificadas, com confiança suficiente para desfilar em biquínis minúsculos. Ao passo que eu tenho coxas grossas que roçam uma na outra e, por mais que os meus seios sejam fartos e macios, o mesmo vale para o meu rabo.

Contudo, depressa aprendi que é disso que alguns homens gostam. E alguns deles gostam *mesmo muito* disso.

Com o tempo, despir-me para homens – e fazer coisas comigo mesma à sua frente – tornou-me um pouco mais confiante com o meu próprio corpo. É engraçado relembrar a minha primeira sessão, estava tão nervosa que mal consegui mostrar um vislumbre da minha vagina. Hoje em dia, sinto-me tão confortável que a posso escancarar toda em frente da câmara.

Claro, é assim que se conseguem boas gorjetas. Mas, mais do que isso, adoro como me sinto ao fazê-lo, mesmo que não consiga explicar o porquê.

Agora, este é o meu trabalho a tempo inteiro. Flirto, faço um pequeno *striptease*, toco-me e, num dia bom, ainda ganho um orgasmo. Depois, recebo o meu pagamento. Quer dizer… quem poderia reclamar?

Depois de vestir algo mais decente do que a *lingerie* preta que estava a usar, subo as escadas. Estou a preparar um café gelado na cozinha, com a minha gata preta de cinco anos, a *Betty*, a enrolar-se à volta das minhas pernas, quando o meu telemóvel toca. Olho para baixo e, ao ler o nome do meu meio-irmão na videochamada recebida, fico paralisada.

Porque diabos é que o Garrett me está a ligar em videochamada?

Por pura curiosidade, atendo, apoiando o meu telemóvel contra a parede, para que ele me possa ver enquanto continuo a mexer o preparado de café com sabor a caramelo.

– Não desligues – pede, assim que a ligação é estabelecida.

– Está bem…

Quando olho para o telemóvel, vejo-o em tronco nu e suado, com as faces vermelhas e o cabelo molhado. Ao redor do pescoço, tem uma toalha branca. Forço-me a desviar o olhar.

– O que se passa? – pergunto, tentando manter a cordialidade, apesar de o Garrett nunca ter sido simpático comigo na vida.

Para quê ser simpático, quando me pode torturar?

O meu pai não podia ter casado com alguém que tivesse um filho simpático? E, de preferência, feio também. Para mal dos meus pecados, o Garrett é o completo oposto de ambos.

– Como está o teu pai?

Sou apanhada desprevenida. Ele sabe que o meu pai luta contra o cancro há dois anos, mas isso nunca o levou a entrar em contacto, nem sequer a visitar-nos, então porquê fazê-lo agora?

– Hum… na mesma, acho.

– O que estás a beber? – questiona, mudando o assunto de forma abrupta.

– Um café gelado – respondo com os lábios em torno da palhinha de metal.

– Não me parece que precises de mais energia.

– Ligaste-me só para julgar o meu estilo de vida? – replico.

Pego no telemóvel e levo-o, com a câmara virada para mim, até à varanda do terceiro andar. O sol está prestes a pôr-se e a vista daqui é de tirar o fôlego. Recuso-me a perder este momento, faço isto todos os finais de tarde. Às vezes, até trago a câmara para cá e deixo que os meus espectadores me vejam com os pés apoiados na varanda, a beber o meu café enquanto o sol se põe sobre o lago. Regra geral, é por esta altura que os tarados surgem na minha caixa de entrada a dizer que me querem dar uma palmada nas mamas ou inclinar-me sobre a grade ou qualquer outra ordinarice, mas eu ignoro-os. Ninguém me estraga este momento.

Pouso o telemóvel contra o vaso na mesa da varanda e deixo que hoje seja o meu meio-irmão a observar-me. A única diferença é que também o consigo ver a ele e, quando lhe lanço um olhar de relance, percebo que ele também tem o telemóvel apoiado em algum lugar e está a fazer alongamentos. Sou agraciada por uma vista em máxima resolução dos seus músculos longos e definidos, sob aquela pele perfeita e bronzeada, coberta por um rasto de pelos escuros que lhe desce pelos abdominais esculpidos e desaparece por baixo dos calções…

– Estás a ouvir-me?

– Sim – minto.

– Então, o que é que acabei de dizer?

– Algo sobre… correr outra maratona ou coisa do género?

Ele zomba e revira os olhos.

– Perguntei como está a correr o teu verão no lago com a mãe e o pai.

– Aborrecido – respondo.